



<http://groups.google.com.br/group/digitalsource/>

*LUCIO*

*APULEYO*

*A metamorfose ou O asno de ouro*

## Advertência

A tradução que publicamos do *ASNO DE OURO*, de Apuleyo, é a atribuída à Diego López da Cortegana, que foi arcediano de Sevilha pelos anos de 1500. Desejando facilitar sua leitura, modernizamos a ortografia e, às vezes, levemente, a sintaxe da velha versão castelhana.

Cotejamo-la além, minuciosamente, com o original latino, e apenas foi preciso modificar algum nome próprio e alguma passagem má interpretada. Conservamos a divisão em capítulos e os epígrafes de Cortegana. O texto latino se divide só em livros.

Neste livro, composto ao estilo de Mileto, poderá conhecer e saber diversas histórias e fábulas, com as quais deleitará seus ouvidos e sentidos, se quiser ler e não menosprezar, ver esta escritura egípcia, composta com engenho das ribeiras do Nilo; porque aqui verá as fortunas e figuras de homens convertidas em outras imagens e tornadas outra vez em sua mesma forma. De maneira que se maravilhará do que digo. E se quer saber quem sou, em poucas palavras lhe direi isso: Minha antiga linhagem teve sua origem e nascimento nas colinas do Himeto ateniense, no istmo da Efirea e em Tenaro de Esparta, que são cidades muito férteis e nobres, celebradas por muitos escritores. Nesta cidade de Atenas comecei a aprender sendo moço; depois vim à Roma, onde com muito trabalho e fadiga, sem que professor me ensinasse, aprendi a língua natural dos Romanos. Assim que peço perdão se em algo ofender, sendo eu rude para falar língua estranha. Que até a mesma mudança de meu falar responde à ciência e estilo variável que começo a escrever. A história é grega, entende-a bem e haverá prazer.

## ***Primeiro livro***

### ***Argumento***

Lucio Apuleyo, desejando saber arte mágica, foi à província de Tessália, onde estas artes se sabiam; no caminho se juntou terceiro companheiro a dois caminhantes, e andando naquele caminho

foram contando certas coisas maravilhosas e incríveis de um embaixador e de duas bruxas feiticeiras que se chamavam Meroe e Panthia, e logo diz de como chegou à cidade Hipata e de seu hospedeiro Milón, e o que a primeira noite aconteceu em sua casa. Lê e verá coisas maravilhosas.

### *Capítulo I*

Como Lucio Apuleyo, desejando saber a arte mágica, foi à província da Tessália, onde à presente mais se usava que em outra parte alguma, e chegando perto da cidade de Hipata, juntou-se com dois companheiros, os quais, até chegar à cidade, foram contando admiráveis acontecimentos de magas feiticeiras.

E indo à Tessália sobre certo negócio, porque também dali era minha linhagem, de parte de minha mãe, daquele nobre Plutarco e Sesto, seu sobrinho, filósofos, dos quais vem nossa honra e glória, depois de passar serras e vales, prados arborizados e campos arados, já o cavalo que me levava, ia cansado. E assim, por isso, como por exercitar as pernas, que tinha cansadas de cavalgar, saltei em terra e comecei a esfregar o suor e a frente de meu cavalo. Tire-lhe o freio e retirei das orelhas, e leve-o diante de mim, pouco a pouco, até que fosse bem descansado, fazendo o que naturalmente acostumara. Caminhando de tal maneira, ele mordida por esses prados uma parte e a outra, torcendo a cabeça, e comia o que podia, até que a dois companheiros que iam um pouco diante de mim eu me cheguei e fiz-me terceiro, escutando o que falavam. Um deles, com uma grande risada, disse:

- Cala já; não diga essas palavras tão absurdas e mentirosas.

Como ouvi isto, desejando saber coisas novas, disse:

- Antes, senhores, repartam comigo do que falam, não porque eu seja curioso de sua fala, mas porque desejo saber todas as coisas, ou ao menos muitas, e também, como subimos a àspera desta encosta, o falar nos aliviará do trabalho.

Então, aquele que começara a falar disse:

- Por certo, não é mais verdade esta mentira que se algum dissesse que com arte mágica os rios caudalosos tornam para trás, e que o mar se coalha, e os ares morrem, e o Sol está fixo no céu, e a Lua disposta nas ervas, e que as estrelas se arrancam do céu, e o dia se tira, e a noite detém-se.

Então eu, com um pouco de mais ousadia, disse:

- Ouça você, que começou a primeira fala, por amor de mim que não lhe cause pesar nem se zangue de proceder adiante.

Assim mesmo, disse ao outro:

-Você me parece que com grosso entendimento e rude coração menospreza o que por ventura é verdade. Não sabe que muitas coisas pensam os homens, com suas más opiniões, ser mentira, porque são novamente ouvidas, ou porque nunca foram vistas, ou porque parecem maiores do que se pode pensar, as quais, se com astúcia as olhasse e contemplasse, não somente seriam claras de achar, mas muito ligeiras de fazer? Pois, aconteceu-me que indo à Atenas um dia, já tarde, e comendo com outros, eu, por fazer como eles, mordi um grande bocado em uma queijadinha, por causa de que os convidados se davam pressa em comer. E como aquele é manjar branco e pegajoso, atravessando-me no gargalo, não me deixando respirar, até que por pouco fiquei morto; mas com todo meu trabalho cheguei à cidade, e no portal grande que chamam Pecile vi com estes ambos os olhos a um cavalheiro destes que fazem jogos de mãos que se trago uma espada bem aguda pela ponta. E logo, por um pouco de dinheiro que lhe davam, tomou uma lança pelo ferro e lançando-a pela barriga, de maneira que o ferro da lança, que entrou pela virilha, saiu-lhe pela parte da nuca à cabeça, e apareceu um menino lindo no ferro da lança, subindo e volteando, do qual nos maravilhamos quantos ali estávamos, que não dissesse, mas sim, era o bastão do deus Esculapio, meio cortados os remos, e assim áspero, com uma serpente volteando em cima. Assim que você, que começou a falar, volte-me a contar isso, que eu só acreditarei, em lugar deste outro, e além disto prometo que na primeira hospedaria que entremos convidarei a comer comigo. Este será o pagamento de seu trabalho.

Ele respondeu:

-Parabéns aceitar o que me diz, e logo prosseguirei o que antes começara; mas primeiro juro por este Sol que vá a Deus que tenho que te contar coisas que se acharam e são verdadeiras, porque vós, de adiante, não duvidem, se chegarem à Tessália, esta cidade que está aqui perto, o que em cada parte dela se diz por todo o povo. Para que saibam quem sou, de que terra e o que é meu ofício, têm que saber que eu sou de Egina, e ando por estas províncias da Tessália, Etólia e Beócia, daqui para lá, procurando

mercadorias de queijo, mel e semelhantes coisas de taberneiros; e como ouvisse dizer que na cidade de Hipata, a qual é a principal da Tessália, houvesse muito bom queijo e de bom sabor e proveitoso para comprar, corri logo lá, para comprar tudo o que pudesse; mas com o pé esquerdo entrei na negociação, que não me veio como eu esperava, porque outro dia antes viera ali um negociador que se chamava Lobo e comprara tudo. Assim que eu, fatigado do caminho e da preguiça que levava, com prazer, por volta da tarde fui ao banho, e de improviso achei na rua ao Sócrates, meu amigo e companheiro, que estava sentado em terra, meio vestido com um túnica gasta, tão disforme, fraco e amarelo, que parecia outro: assim como um daqueles que a triste fortuna traz para pedir pelas ruas e encruzilhadas. Como eu o vi, embora era muito familiar meu e bem conhecido, mas duvidei se o conhecia, e cheguei perto dele, dizendo: «Oh meu Sócrates! O que é isto, que gesto é esse? Que desventura foi a sua? Em sua casa já é chorado e lamentado, e a seus filhos deram tutores os prefeitos; sua mulher, depois de feitas exéquias e chorado, carregada de luto e tristeza, quase perdeu os olhos; é compelida e importunada por seus parentes a que se case com novo marido que alegre a tristeza e dano de sua casa, e você está aqui, como estátua do diabo, com nossa injúria e desonra.» Ele então me respondeu: «Oh Aristómenes! Não sabe você as voltas e rodeios da fortuna e seus instáveis movimentos e alternadas variações.» E dizendo isto, com sua túnica surrada cobriu a cara, que, de vergonha, estava vermelha, de maneira que descobriu o umbigo acima. Eu não pude sofrer tão miserável vista e triste espetáculo; tomei-o pela mão e lidei com ele para se levantar, e ele assim, como tinha a cara coberta, disse: «deixe-me; use a fortuna de seu triunfo; siga o que começou e tem fixo.» Eu logo despi uma de minhas vestimentas e rapidamente o vesti, embora melhor diria que o cobri; disse-lhe para ir ao banho, dei-lhe tudo o que foi mister para lubrificar-se e limpar a muita e enorme sujeira que tinha. Depois de bem tratado, embora eu estava cansado, como melhor pude levei-o a hospedaria e o fiz sentar à mesa e comer a seu prazer; amansei-o com o beber, alegrei-o com o falar, de maneira que já estava inclinado a falar em coisas de jogos e prazer para burlar e jogar, como homem decidido, quando do íntimo de seu coração deu um mortal suspiro e com a mão direita deu um grande golpe em sua cara, dizendo:

- Oh mesquinho de mim, enquanto que andei seguindo a arte da esgrima, que muito me agradava, cáí nestas misérias; porque, como você muito bem sabe, depois de muito ganho que houve na

Macedônia, partindo-me dali, que havia dez meses que ganhava dinheiro, tornei rico e com muito dinheiro; e um pouco antes que chegasse à cidade da Larissa, pensando fazer ali alguma coisa de meu ofício, passei por um vale grandiosa, sem caminho, cheio de Montes e descidas e subidas. Neste vale caí em ladrões, que me cercaram e roubaram quanto trazia; eu escapei roubado, e assim, meio morto, pousei em casa de uma taberneira velha, chamada Meroe, um pouco sabida e faladeira, a qual contei as causas de meu caminho e roubo; a vontade e ânsia que tinha de voltar à minha casa; contando eu minhas penas com muita fadiga e miséria; ela começou a tratar-me humanamente; deu-me jantar muito bem e bastante. Assim, movido ou alterado de amor, colocou-me em sua câmara e cama; eu, mesquinho, uma vez que cheguei à ela contraí tanta enfermidade e velhice, que para fugir dali tudo que tinha, dava-lhe, até as vestimentas que os bons ladrões deixaram com que me cobrisse, e até algumas coisas que ganhara carregando sacos quando estava bom. Assim que aquela boa mulher e minha má fortuna trouxe-me para este gesto que pouco antes me viu.

Eu respondi:

-Por certo, você é merecedor de qualquer extremo, mal que o viesse, embora houvesse algo que pudesse dizer último dos extremos, porque uma má mulher e um vício carnal tão sujo antepor a sua casa, mulher e filhos.

Sócrates, então, pondo o dedo na boca e como atônito olhando em redor, a ver se era lugar seguro para falar, disse:

-Cala, cala; não diga mal contra esta mulher, que é maga; por ventura, não receba algum dano por sua língua.

Ao qual eu respondi:

-Como diz você que esta taberneira é tão poderosa e rainha? Que mulher é?

Ele disse:

-É muito ardilosa feiticeira, que pode baixar os céus, fazer tremer a terra, coalhar as águas, desfazer os Montes, invocar diabos, conjurar mortos, resistir aos deuses, obscurecer as estrelas, iluminar

os infernos.

Quando eu lhe ouvi dizer estas coisas, disse:

-Rogo-lhe, por Deus, que não falemos mais em matéria tão alta; baixemo-nos em coisas comuns.

Sócrates disse:

-Quer ouvir alguma coisa ou muitas das suas? Ela sabe tanto, como fazer que dois apaixonados se queiram bem e se amem muito fortemente, não somente daqui, dos naturais, mas até dos das Índias, etíopes e antípodas, é, em comparação de seu saber, coisa muito leviana e de pouca importância. Ouça agora o que em presença de muitos ousou fazer a um apaixonado dele porque teve que fazer com outra mulher: com uma só palavra sua converteu-o em um animal que se chama castor, o qual tem esta propriedade: que temendo de ser tomado pelos caçadores, corta sua natureza para que o deixem; e porque outro tanto acontecesse àquele seu amigo, transformou-o naquela besta. Assim mesmo, a outro seu vizinho taberneiro, e por isso inimigo, converteu em rã; e agora o velho mesquinho nadava na tina do vinho, e, lançando-se debaixo dos sedimentos, canta quando vêm à sua casa os que continuavam a comprá-lo. Também a outro procurador de suas casas, porque advogou contra ela, transformou-o em um carneiro, e assim, feito carneiro, procura agora as causas e pleitos; esta mesma, porque a mulher de um seu apaixonado disse certa injúria por elegância, fechou-a de tal maneira que ficou prenhe, e assim com a carga de sua gravidez anda, que nunca mais pôde parir; e todos contam o tempo de sua gravidez, que são já oito anos que à mesquinha cresce o ventre como prenhez de elefante. A qual, como a muitos danificasse, foi tanta a ira que o povo tomou contra ela, que acordaram de apedrejá-la outro dia e vingar-se dela; mas com seus encantamentos ela soube do acordo. E como aquela Medéia que com a trégua de um dia alcançou o rei Cronos, toda sua casa e sua filha com o mesmo rei queimou em vivas chama, assim esta, com suas imprecações infernais, que dentro de um sepulcro fez e procurou, depende que a bêbada me contou, todos os vizinhos da cidade encerrou em suas casas com a força de seus encantamentos, que em dois dias não puderam romper as fechaduras, nem abrir as portas, nem perfurar as paredes, até que uns outros se admoestaram e juraram de não tocá-la nem lhe fazer mal algum, antes,



dar-lhe toda ajuda e favor saudável contra quem um pouco de mal pensasse-lhe fazer. Desta maneira ela amansada, absolveu e desligou toda a cidade; mas ao autor deste escândalo, com sua casa como estava fechada com as paredes, o chão e seus alicerces, a meia noite o transpassou e levou a outra cidade, cem milhas dali, que estava assentada em uma serra muito áspera onde não havia água; e porque na cidade não havia lugar onde pudesse assentar a casa, pela vizinhança dela, assentou-a ante à porta da cidade e partiu logo.

Quando eu ouvi isto, disse-lhe:

-Por certo, meu Sócrates, você me diz coisas muito maravilhosas e não menos cruéis; sem dúvida não me deu o menor cuidado e medo; arrojado-me há, não somente escrupulo, mais uma lança. Por ventura, esta velha, usando de seu encantamento, não conheceu nossas palavras e conversas; portanto, vamos logo dormir; pois, embora tenhamos quebrantado um pouco o sonho da noite, ante o dia, fuja-mos daqui quanto mais longe pudermos.

## ***Capítulo II***

*Como Aristómenes, que assim se chamava o segundo companheiro, prosseguindo em sua história, contou ao Lucio Apuleyo como as duas magas feiticeiras Meroe e Panthia degolaram aquela noite ao Sócrates, indignadas dele.*

Ainda não acabara de dizer isto, quando Sócrates, assim bebendo, do que não costumava, como pela longa fadiga que padecera, já dormia altamente e roncava. Eu então, fechei a porta da câmara e o batente, e joguei-me sobre uma maca que estava perto dos gonzos da porta. Assim, primeiro, do medo que tinha, velei um pouco; depois, quase a meia noite, começando a fechar os olhos: minha fé, com prazer, já dormia; e subitamente, com maior ímpeto e ruído que ladrões vêm, as portas abriram-se, e para dizer a verdade, quebradas e arrancadas dos gonzos caíram por terra. A maca em que estava, como era pequena e coxo o banco de um pé e podre dos outros, com a violência e força do ímpeto caiu em terra; eu caí debaixo no chão, e como a cama voltou, tomou-me debaixo e cobriu-me. Então eu senti alguns afetos, que, naturalmente, vinham-me contrário ao que queria. Que, como acontece muitas vezes que, com prazer, saem lágrimas, assim naquele grande medo que tinha não podia sofrer a risada, porque estava de homem feito tartaruga. Estando assim jogado em terra, assim coberto com a cama, voltei os

olhos para ver que coisa era aquela, e vi duas mulheres velhas: alguém trazia um candelabro ardendo; a outra, um punhal e uma esponja, e com isto parando-se ao redor de Sócrates, que dormia muito bem. A que trazia o punhal disse à outra:

-Irmã Panthia, este é o grande apaixonado Endímion; este é meu Ganimedes, que dias e noites burlou de minha juventude. Este é, que não somente, pospostos meus amores, difama-me e desonra, mas sim agora queria fugir e que eu desamparada e chorando perpetuamente minha solidão, como fez Calipso, quando Ulisses a deixou e se foi.

Dizendo isto, apontou-me com a mão e disse à Panthia:

-E também este bom conselheiro Aristómenes, que era o autor desta fuga, até ele próximo está da morte; jogado em terra jaz debaixo da cama; tudo isto bem o olhou, pois não crê que tem que passar sem pena pelas injúrias que me disse: eu lhe farei que tarde, e até logo e agora, arrependa-se do que disse contra mim pouco antes, e da curiosidade de agora.

Eu, mesquinho, como entendi estas palavras, cobri-me de um suor frio; comecei tremer todo o corpo e sacudir de tal maneira, que a maca saltava tremendo em cima de minhas costas.

A boa Panthia disse então:

-Pois, irmã, por que a este não despedaçamos primeiro, ou ligado pés e mãos cortamos-lhe sua natureza?

Nisto respondeu Meroe, que assim se chamava a taberneira, o qual eu conheci dela mais por seu gesto de vinho que pelo conto que me dissera Sócrates:

-Antes me parece que deve viver, porque sequer enterrem o corpo deste coitado.

Tomou a cabeça de Sócrates, voltando-a para outro lado, pela parte sinistra da garganta, lançou-lhe o punhal até os cabos, e como o sangue começou a sair, chegou ali um solavanco, em que recebeu tudo, de maneira que uma gota nunca apareceu. Tudo vi eu com estes meus olhos, e até acredito que porque não houvesse diferença do espiritual sacrifício que fazem aos deuses, lançou a mão direita por aquela degoladura até as vísceras a boa Meroe, e tirou o coração de meu triste companheiro. O qual, como talhara o gogó, não pôde dar voz nem somente um gemido. Panthia tomou a esponja que trazia e

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

